

14 de dezembro de 2024



Por TARSO GENRO*

A prisão do general é o ápice da mudança de qualidade da crise de alta intensidade, que vem desde a inquisição medievalista encetada pela república de Curitiba

O livro do meu amigo Nicolás Sartorius (*La democracia expansiva*, Anagrama) chegou às minhas mãos nesse 14 de dezembro do ano de 2024. A chegada do livro despertou na minha memória política as coincidências características de uma época: a transição do franquismo para a democracia na Espanha - com a tentativa de golpe do Coronel Tejero - em fevereiro de 1981; a crise final das ditaduras na América Latina, amadurecida no início dos anos 1980; e hoje também a prisão do general Braga Netto - aqui no Brasil - que pode ser um impulso à transição do sórdido militarismo da Guerra Fria para uma profissionalização das nossas Forças Armadas, como ocorreu na Espanha na década de 1980.

Nicolás Sartorius, advogado e ensaísta, é de uma geração política que lhe permitiu ser co-fundador das “*Comisiones Obreras*”, deputado do PCE e da *Izquierda Unida*, em três legislaturas, que tem obras sobre a transição espanhola, sobre a crise da ideia marxista que vingou no projeto socialista pela influência da URSS e também sobre a nova linguagem na política democrática, sobre a transição climática e os novos enunciados para o socialismo democrático.

Muito aprendi com Nicolás Sartorius, na Fundação Alternativas, sobre a ditadura franquista (que lhe prendeu e condenou em várias oportunidades), sobre a Europa e a crise da socialdemocracia, nos vários colóquios que organizamos juntos, com personalidades europeias e brasileiras, nos debates sobre a democracia, paz, socialismo e o Estado de Bem-Estar.

Nicolás Sartorius narra (a partir da página 232) que quando o Presidente de Governo Adolfo Suárez (um quadro franquista que emergiu como “centro” na transição espanhola) recebeu em *La Moncloa* (em agosto de 1977) dois anos depois da morte de Franco, os representantes dos Sindicatos para acordar um “pacto social”, a proposta do Presidente de Governo foi recusado pelos sindicalistas. Eles entenderam que a saída economicista, proposta pelo regime, não teria o aval dos partidos políticos, que poderiam dar suporte a um processo constituinte efetivamente democratizante do país, o que ocorre posteriormente, em 1978.

Em 23 de fevereiro de 1981, um fato político-militar na Espanha lembra os acontecimentos de 8 de janeiro do ano de 2023 aqui no nosso país. O episódio vincula o General Braga Netto como um dos organizadores do novo golpismo nacional, que foi preso por ordem do Supremo Tribunal Federal, fato que nos dá a esperança de que, analogicamente ao que ocorreu na Espanha, o Golpe de Braga e Bolsonaro tenha o mesmo destino da tentativa golpista do Coronel Tejero.

Tejero invadiu o Parlamento gritando histericamente - apoiado numa falange de soldados e metralhando o teto - para que todos se jogassem no chão. Dois se recusam: Santiago Carrillo, deputado comunista e Adolfo Suárez, ex-franquista que representava o centro, que aderira então sem restrições ao projeto democrático em construção. Naquele ato, ambos simbolizaram a decisão democrática da sociedade espanhola de caminhar em direção à Europa, como já fizera Portugal em

a terra é redonda

1975, na Revolução dos Cravos. Para o arquivo das ironias da História, é a mesma Europa dos países que hoje silenciam ou apoiam o genocídio Palestino.

Neste sábado, dia 14 de dezembro de 2024, “acusado de integrar a articulação de um plano de golpe de Estado” e de tentar obstruir investigações sobre o processo golpista, foi preso pela Polícia Federal o general de Exército Braga Netto. Não se espantem: Walter Braga Netto é um general comum, não é um Golberi do Couto e Silva - direitista culto elaborador de políticas para o Estado Nacional brasileiro - nem um Jarbas Passarinho, erudito senador e qualificado negociador dos interesses da corporação militar na transição. Braga Netto é um Tejero sem tiros! Sua prisão é a prisão de um chefe de bando, que expôs seus colegas de farda e suas famílias, de uma forma sórdida e doentia, desonrando - com o seu servilismo a Jair Bolsonaro - os mais elementares princípios de um convívio social corporativo.

O lento isolamento político de Jair Bolsonaro no país está assentado em três fundamentos, que esgotaram seu encanto, tanto nas bases dos deserdados sociais da democracia, como nos setores lumpen-burgueses mais evidentes do país: a falta de lucidez psicótica do Líder é um dos fundamentos; o desgaste da sua política de estragos ao Estado Nacional, pela sua gestão destrutiva - inclusive na pandemia - é outro fundamento; e o principal (e terceiro) é a sua irreverência em relação ao mundo político tradicional, inclusive com aqueles setores das classes dominantes não pragmaticamente simpáticos ao protofascismo que ele representa.

A prisão do general é o ápice da mudança de qualidade da crise de alta intensidade, que vem desde a inquisição medievalista encetada pela república de Curitiba. Amparada no golpe “parlamentar” contra o mandato da Presidenta Dilma Rousseff, a inquisição da República de Curitiba reforçou a extrema direita, já globalmente estimulada nas redes sociais, e acentuou a dissolução da democracia liberal, já cercada de mais desigualdades e de mais consumo suntuário: os pequenos “mussolinis” espirituais que adormeciam na periferia das grades fortunas do mundo, então, vieram furiosamente à tona!

Neste mesmo dia de 14 de dezembro, o presidente Javier Milei, no Festival Juvenil *“Fratelli D’Itália”*, conclave da extrema direita italiana juvenil, agradecia à Presidente do Conselho de Ministros Giorgia Meloni, pelo honroso convite que recebera. No seu discurso dizia o seguinte: que não lhe importa “*un rábano*” (“não estou nem aí”) a opinião dos políticos e que “escutar os políticos é o mesmo que ficar de costas para os cidadãos”.

Javier Milei foi mais longe: que “nunca se deve negar as próprias ideias para conseguir votos” e que a única forma de “combater o mal organizado” (o inimigo) é com o “bem organizado” (o partido, para ele, uma “parte” carismática) e, finalmente, que “diferente da economia”, a política (burguesa tradicional) é “jogo de soma zero”.

Estes argumentos de Javier Milei, guardadas as suas especificidades históricas, hoje tem - para a direita fascista subversiva da democracia liberal - o mesmo peso que tiveram, na época áurea da luta pelo socialismo de caráter marxista, os discursos revolucionários da esquerda contra a “democracia burguesa.”

A velha cantilena fascista, todavia, eivada de um libertarismo pós-moderno, vem para fazer política em alto estilo e, igualmente, para negar a política que, para Javier Milei, sempre resulta em “soma zero”. Por isso, ao afirmar que a economia deve quebrar o que resta da política liberal, ele promove o apocalipse da democracia política num país culto, como a Argentina, derrotando a cultura como indicativo civilizatório, que não se vincula necessariamente ao humanismo burguês. E que tudo, como sempre, é soprado pelos interesses mais comezinhos que estão em disputa, num terreno chamado frequentemente de luta de classes.

A finalidade mais evidente da ação canina de Javier Milei, que sempre se diz cretinamente um “não político”, é fazer, através do Estado (por ele falseado como “não” político) a uniformização da opinião para criminalizar qualquer política divergente. É um fascismo amparado na socialização da demência, que se transforma em morbidez popular, ativada de forma geometricamente progressiva pelas redes sociais.

Javier Milei é o Coronel Tejero da pós-modernidade, com uma diferença substancial: seu discurso capta corações e mentes

a terra é redonda

das bases da revolução socialista, que estão em movimento declinante. Resistir é também reformar as instituições democráticas para devolver à maioria do povo as esperanças numa vida melhor, mais livre, mais aberta e pautada pela igualdade.

***Tarso Genro** foi governador do estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, ministro da Justiça, ministro da Educação e ministro das Relações Institucionais do Brasil. Autor, entre outros livros, de Utopia possível (Artes & Ofícios). [<https://amzn.to/3DfPdhF>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)